

CAPÍTULO III

PRIMEIRA PARTE

TEMA: O CREDO

ARTIGO TERCEIRO

Foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria

"O fato é que a TRADIÇÃO cristã sempre associou estas três afirmações: Jesus é DEUS - MARIA, portanto, é MÃE DE DEUS - sua maternidade foi virginal." (A fé explicada aos jovens e adultos)

ARTIGO TERCEIRO

Foi concebido pelo poder do Espírito santo. Nasceu da Virgem Maria

"Não é somente necessário ao cristão acreditar que Jesus é o Filho de Deus, mas também convém crer na Sua Encarnação. Por isso o Bem-aventurado João, após ter falado muitas coisas elevadas e de difícil compreensão, logo a seguir nos insinua a Sua Encarnação, quando diz: "E o Verbo se fez carne." (Jo 1, 14)

...Ninguém conhece a palavra enquanto está no interior do homem, a não ser ele, que a concebeu. Mas logo que é proferida exteriormente, torna-se conhecida. Assim o Verbo de Deus não era conhecido senão pelo Pai, enquanto estava no seio do Pai. Mas logo que se revestiu de carne, como a palavra concebida no interior, pela voz, tornou-se manifesto e conhecido. Lê-se na Escritura: "Depois disso foi visto na terra, e conviveu com os homens." (Bar. 3, 38) – (§45)

...Sabemos que o Filho de Deus não sem elevado motivo veio a nós, assumindo a nossa carne, mas para grande utilidade nossa. Fez, para consegui-la, um certo comércio: assumiu um corpo animado, e dignou-se nascer da Virgem, para nos entregar a sua divindade; fez-se homem, para fazer o homem Deus. Lê-se em São Paulo: "Por quem temos acesso pela fé nessa graça, na qual permanecemos, e nos gloriamos na esperança da glória dos filhos de Deus," (Rm. 5, 2) – (§55)

SÃO TOMÁS DE AQUINO

1 - "CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO"

O Gênesis - livro das origens - abre suas páginas descrevendo a Criação de forma poética, utilizando fontes de origens diversas: "No princípio Deus criou o céu e a terra." (Gn1,1) ... "sobre as águas pairava o Espírito de Deus" (Gn1,2).

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. (Jo, 1,1) Esta foi a Primeira Criação, obra da Trindade Santa: Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. E Deus criou o homem e a mulher, à Sua semelhança os criou. A eles submeteu toda a criação. Criado para viver na amizade com Deus, pela desobediência essa harmonia foi destruída e, desta forma, o pecado entrou no mundo. Para alimentar-lhe a esperança, ao homem foi prometida a sua Redenção.

A Epístola de Paulo aos Gálatas (Gl 4, 4) fala sobre a "plenitude dos tempos", isto é, o cumprimento das promessas anunciadas pelos profetas do Antigo Testamento e as preparações sobre a vinda do Messias prometido.

Ela, a plenitude dos tempos, foi inaugurada com o SIM (Fiat) da Virgem Maria. As palavras "concebido pelo poder do Espírito Santo" indicam a não intervenção humana (masculina) e marcam o cumprimento da promessa de salvação, tão ansiosamente esperada pelo povo de Israel, o POVO ESCOLHIDO.

Em Maria acontece a Nova Criação; ela é o novo céu e a nova terra. Um novo Princípio: "Deus entra na Criação para que a Criação entre na Família Trinitária." (Rey- Mermet)

A convite do Espírito Santo de Deus, a Virgem Santíssima aceita receber em seu ventre Aquele que habitará corporalmente a plenitude da divindade. Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem tem a Deus e somente a Ele como Pai. O Espírito Santo é a potência criadora do Pai para conduzir a Criação nos caminhos da perfeição. Na Nova Criação, a Santíssima Trindade (Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo) age tal como na Primeira Criação, pois em Deus as três Pessoas são inseparáveis desde todo o sempre.

Pela encarnação a Pessoa de Cristo é, ao mesmo tempo, verdadeira e plenamente Deus e verdadeira e plenamente homem. Tão grande mistério vai muito além da nossa pobre percepção e somente a fé pode nos amparar.

O Evangelho de João, em seu prólogo (Jo 1, 14), afirma: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que um Filho único recebe de seu Pai, cheio de graça e verdade."

Antes de o Verbo se fazer carne, isto é, nascer de mulher e assumir a condição humana na sua limitação, o homem Jesus ainda não existia, porém o Verbo de Deus já existia desde toda a eternidade: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus... Tudo foi feito por Ele e sem Ele nada foi feito." Assim, o Apóstolo João inicia seu Evangelho. (Jo 1,1-2)

Ao encarnar, o Filho Eterno continua a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, mas renunciando ao seu modo divino de existência assume um modo de existência humana. Portanto, a única Pessoa de Cristo, ao mesmo tempo plenamente Deus e plenamente homem, passou a viver uma experiência humana de vida tal como nós a vivemos, isto é, com suas fadigas, alegrias e sofrimentos. Ele foi igual a nós em tudo, exceto no pecado.

São Paulo afirma que Cristo aniquilou-se: esvaziou-se a si mesmo e assumiu sua condição humana. Mas Jesus tinha conhecimento de sua origem como Filho único de Deus. Em seu Evangelho Ele fala de sua pré-existência pessoal. Ele diz que *"veio lançar fogo à terra"* (Lc 12, 49) ; *"meu testemunho é digno de fé, porque sei donde vim e para onde vou..."* (Jo 8,14) ; *"...aquele que desceu do céu..."* (Jo 3, 13) ; *Aquele que vem do alto é superior a todos"* (Jo 3, 31).

Cristo sabe que sua Pessoa, como IAHWEH, é eterna; *"Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão nascesse Eu Sou."* (Jo 8,58). Fica evidente, pois, que antes de vir ao mundo Jesus de Nazaré, como Deus, já existia desde todo o sempre na eternidade da Trindade Santa.

O Símbolo atribuído a Santo Atanásio, um dos Padres da Igreja e conhecido no Oriente e no Ocidente, assim expressa a fé católica:

"A verdadeira fé consiste em crer e proclamar que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. É Deus, eternamente gerado da substância do Pai; é homem, nascido no tempo da substância de sua mãe. Perfeitamente Deus; perfeitamente homem composto de alma racional e corpo humano. Igual ao Pai segundo a divindade; inferior ao Pai segundo a humanidade.

Embora seja ao mesmo tempo Deus e homem, não existem, contudo, dois Cristos, mas um só. Um só, não porque a divindade houvesse sido transformada em carne, mas porque a humanidade foi assumida por Deus. Um só absolutamente, não por confusão entre o humano e o divino, mas pela unidade da pessoa. Pois, assim como a alma racional e o corpo constituem um só homem, assim também Deus e o homem constituem um só Cristo."

Durante todo o tempo em que viveu na terra, as palavras, os gestos, os ensinamentos de Jesus Cristo - Homem-Deus - foram palavras, gestos, ensinamentos de Deus Pai, sob o impulso do Espírito. Renunciando a todas as vantagens de ser Deus, o Filho de Deus, como Filho do homem, sempre foi obediente ao Pai Celeste, apesar de ser "um na Trindade Santa." Como Deus, igual ao Pai; como homem, inferior ao Pai. E como homem, veio para fazer a vontade do Pai.

oOo

2 – NASCEU DA VIRGEM MARIA

"Quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma Lei, a fim de reunir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos sua adoção divina." (Gl 4, 4-5) "Deus enviou seu Filho"... isso significa que Deus Filho, a Segunda Pessoa da Trindade, veio habitar no meio dos homens.

Para dar um corpo humano ao divino Filho, Deus Pai quis o livre consentimento de uma criatura. Desde toda a eternidade, dentre Seu povo – o Povo de Israel – Deus escolheu uma jovem de Nazaré; "uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de David; e a virgem era Maria" (Lc 1, 26-27).

A fim de exercer a honorabilíssima função de ser a Mãe do Salvador, Maria, misteriosamente, recebeu de Deus dons e prerrogativas muito especiais de acordo com a dignidade do seu papel no plano da Salvação.

Na Anunciação, o Anjo Gabriel disse ao saudá-la: "Ave cheia de graça, o Senhor é contigo." (Lc 1, 28). De fato, para poder aceitar e dar seu consentimento livre em obediência à sua fé diante do anúncio do Anjo, era necessário que a Virgem estivesse inteiramente sob o impulso da graça de

Deus. Sua resposta foi de uma entrega total: “Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua vontade.” (Lc 1,38)

Ao longo da história e com o passar dos séculos a Igreja foi se conscientizando do extraordinário papel de Maria no plano da Salvação. Ela, a cheia da graça do Altíssimo, foi redimida desde sua concepção. Essa singular santidade da Virgem Ihe foi dada antecipadamente, em vista dos méritos de seu divino Filho.

Com o dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854 pelo Papa Pio XI, a Igreja confirma: “A beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus Onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original.” (626 DS)

O título Teokotus, ou seja, “Mãe de Deus,” dado a Maria desde os primórdios da Igreja, foi contestado por muitos dos heréticos da época. Então, no ano de 431, ao retomar a Tradição dos Padres da Igreja, no Concílio de Éfeso foi confirmado: “a Virgem Santa é a mãe de Deus.”

Assim esclarece o Catecismo da Igreja Católica: “De fato, o Menino Jesus, nascido da Virgem Maria e Filho de Deus “nascido do Pai antes de todos os séculos” não são dois: eles são a mesma Pessoa...” Uma explicação muito razoável sobre esse assunto encontramos no livro “A fé explicada aos jovens e adultos”, de Rey-Mermet, que transcrevemos aqui:

“Não que ela (Maria) seja a mãe da divindade que seu filho recebe eternamente de Deus Pai. As mães não dão a seus filhos nem o espírito, nem a personalidade, que são obras de Deus; no entanto, elas são mães, não apenas da carne que lhes formam, mas também da pessoa que dão à luz. Assim com Maria: ela é mãe de uma Pessoa divina. Não dá a Jesus nem a alma humana nem a personalidade divina, mas é mãe não exclusivamente do corpo, mas da pessoa que ela gera, a Pessoa de Deus Filho. Essa maternidade cria entre ela e seu Filho uma relação única: Deus Filho pode e deve chamar-Ihe “mamãe.” Nisso consiste o profundo sentido de sua maternidade virginal: Deus é o Pai de seu Filho.”

Os Evangelhos atestam a maternidade divina da Santíssima Virgem. Na visita de Maria à prima Isabel, Lucas descreve a cena do encontro das duas mulheres grávidas de forma magistral. Isabel, impulsionada pelo Espírito,

profetiza: "...Donde me vem a honra de vir a mim a Mãe do meu Senhor? (Lc 1, 42). Ao narrar as núpcias em Caná da Galiléia, o Evangelista João se refere à Maria como "a mãe de Jesus (Jo 2, 2-1). Ele também deixa registrado que aos pés da cruz, diante de Jesus crucificado, lá estava "a mãe do divino Salvador."

Sugestão para troca de ideias

Ao preparar o tema, ler e meditar sobre o nascimento de Jesus encontrado em Lucas 1,26-56. Escolher um versículo e trocar ideias com o grupo sobre o texto lido.

Texto de meditação sugerido para a reunião

Anúncio do nascimento de Jesus (Lc 1,26-56)

Texto de apoio

Nas areias da Praia de Iperoig, em Ubatuba, (hoje, Praia do Cruzeiro) no ano de 1563 Pe. José de Anchieta, prisioneiro dos índios Tamoios, escreveu um poema em latim, com cerca de cinco mil versos... Esse poema pode ser interpretado como canto da alma, inspirado num momento de grande apreensão... Uma obra mística dedicada a Nossa Senhora! Do começo ao fim carrega as vibrações de uma oração pedindo a proteção da Santa Mãe de Deus, a quem o grande santo dedicou sua vida.

Em cinco partes a obra é composta:

- 1) a infância de Maria;
- 2) a encarnação do Verbo;
- 3) a natividade de Jesus;
- 4) a infância de Jesus;
- 5) sua Paixão e glória.

Anchieta foi o primeiro grande escritor que o Brasil teve e, sem dúvida, seu poema foi primeira grande obra literária brasileira. Em seus versos encontram-se momentos de tocante lirismo como aquele em que a Virgem Maria sussurra uma prece ao lado do Deus-Menino recém-nascido:

*"Com esses paninhos, ó Autor e Dominador do mundo
Cobrirei teus mimosos membros*

*Que tua duríssima penúria enriqueça nossa miséria
Cumulando de graças corações mendigos."*

Belíssima é a exaltação da gloriosa Virgem Maria, no canto 5:

"Pede, portanto, estremecida Filha;

Pois quanto quiser a Filha,

Tanto fará o Pai!

Pede, portanto ao Filho ó Mãe Bondosa;

Tanto fará o Filho!

Pede, portanto ao Esposo, ó Virgem formosíssima,

Por quanto quiser a Esposa,

Tanto fará o Esposo! Pede o que quiseres, tudo alcançarás."

"O hino de amor à divina chaga" é considerado um dos mais belos cantos do poema. Ei-lo:

"Ó doce chaga, que repara os corações feridos

Abrindo larga estrada para o coração de Cristo

Prova do amor que nos conduz à união! (amai uns aos outros)

Porto do mar que protege o barco a afundar!

Em ti todos se refugiam dos inimigos que ameaçam:

TU, SENHOR, és medicina presente a todo mal!

Quem se acabrunha em tristeza, em consolo se alegra:

A dor da tristeza coloca um fardo no coração!

*Por ti Mãe, o pecador está firme na esperança, Caminhar para o céu, lar da
bem-aventurança!*

Ó morada de paz! Canal sempre vivo,

Jorrando água para a vida eterna!

Esta ferida do peito, ó Mãe, é só tua,

Somente tu sofres com ela, só Tu as pode dar.

Dá-me acalantar nesse peito aberto pela lança,

Para que possa viver no coração do meu SENHOR!

Entrando no âmago amoroso da piedade Divina,

Este será o meu repouso, minha casa preferida.

Pe. José de Anchieta, nosso poeta maior, tão bem retratado pelo pintor Benedito Calixto, renomado jesuíta e cofundador da cidade de São Paulo, foi canonizado no dia dois de abril de 2014 pelo Papa Francisco. "Apóstolo do Brasil" Anchieta tornou-se o primeiro santo brasileiro. Sua vida dedicada à Virgem Maria é um belo exemplo para todos nós que temos Nossa Senhora da Esperança como nossa protetora e medianeira.

CAPITULO III

SEGUNDA PARTE

SUBSÍDIOS PARA ESTUDO E REFLEXÃO

O Espírito Santo de Deus

"O Espírito Santo " com o Pai e o Filho é adorado e glorificado"

O ESPÍRITO SANTO DE DEUS

A vida moral do cristão está fundamentada nos dons do Espírito Santo. Dons são graças de Deus que auxiliam o crescimento e desenvolvimento da vida cristã referente à virtude e a perfeição no seguimento de Cristo. Esses dons constituem as permanentes disposições que o torna dócil e fiel aos impulsos do próprio Espírito. "Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus... Filhos e, portanto, herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rm 8,14,17).

Os dons do Espírito Santo são sete: **Conselho, Entendimento, Fortaleza, Sabedoria, Piedade, Ciência e Temor de Deus.**

Conselho - Papa Francisco nos ensina que o dom do Conselho nos torna capazes de fazer a escolha certa, seguindo a lógica de Cristo e do seu Evangelho. É o dom de saber discernir os caminhos e as opções à luz do Espírito Santo.

Entendimento - É a graça que só o Espírito Santo pode infundir e suscitar no coração do cristão, levando-o muito além das realidades externas e perscrutando as profundezas do pensamento de Deus. Ele nos prepara e ilumina para aceitar as verdades reveladas.

Fortaleza - Capacidade de se relacionar intimamente com Deus, que nos dá forças para superar os limites, as fraquezas e a pequenez própria do gênero humano. Esse dom torna forte e heroica a nossa fé. Graças a esse dom os mártires resistiam a todas as formas de perseguição e sofrimentos.

Sabedoria - Ser sábio perante Deus é reconhecer a própria pequenez e sentir a necessidade do auxílio divino. A Sabedoria nos ensina a ver o mundo

com o olhar de Deus. É o dom de perceber tudo o que favorece ou prejudica o projeto de Deus. A sabedoria nos leva à caridade.

Piedade - Ela nos é infundida através dos gestos e cultivo da santidade interior. O homem piedoso anda na amizade com Deus e está sempre aberto a fazer Sua vontade e agir como Jesus agiria.

Ciência - É o dom de nos tornar capazes de olhar o mundo em que vivemos com o olhar de Deus, isto é, enxergar as coisas da maneira como Deus as fez e nos oferece.

Temor de Deus - Não é ter medo de Deus. Refere-se ao respeito aos desígnios de Deus e também entregar nossa confiança Àquele em que depositamos todo o nosso Amor.

Os frutos do Espírito são perfeições que o Espírito Santo modela em nós como primícias da glória eterna. A Tradição da Igreja enumera doze: "caridade, alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade." (Gl 5,22-23)

PRECISAMOS DE CRISTÃOS VIOLENTOS

"Houve, durante algum tempo, muita conversa sobre a "não violência." Muita coisa escrita também. O assunto estava nos lábios de estudantes, em quase todos os Campus Universitários, nas conferências dos eruditos, nas conversas dos operários e até das donas de casa. Sem dúvida alguma, os magníficos exemplos de Gandhi e de Martin Luther King - um hindu e um cristão - contribuíram muito para focalizar o interesse do mundo nesta nova maneira, profundamente espiritual, de trazer paz às nações que só transbordam ódio e violência.

Alguém escreveu recentemente que "o ódio é a força propulsora que faz o mundo girar." A frase é horrenda, mas, em todo o seu horror, talvez contenha muito de verdade. Então, diante de tanto ódio real, tanta hostilidade, tantos ataques brutais, sequestros, assassinatos e torturas, como pode alguém permanecer "não-violento"? Podemos ficar tranquilamente em casa, numa passividade sem compromissos, quando ao nosso redor explodem atitudes e acontecimentos que põem em perigo a vida e a própria sanidade mental do mundo?

Apesar de tudo quanto pareça haver de razoável nestas perguntas, é verdade que cresce, cada dia, a fome pela paz e aumenta igualmente o número daqueles que escolhem os caminhos da "não-violência" como o único meio capaz de eliminar a própria violência. Talvez os homens estejam começando a entender que, quando nós paramos de nos abrasar na chama do amor, o mundo acaba morrendo de frio! Em outras palavras, a verdadeira "não-violência" tem suas raízes no amor; não no amor emoção sentimental, mas naquele que já procuramos definir com o Evangelho: "Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida por seus amigos." A verdadeira "não-violência" deve ser motivada por um grande sonho e não há nada de ilusório nem açucarado nesta expressão: é o sonho-esperança, radicado na fé. Fé numa causa, fé numa Pessoa, fé em Deus. Sem essa fé não é possível haver a propalada não-violência.

Entretanto, por mais estranhas que minhas palavras possam parecer, esta não violência, fundamentada no amor, na fé e na esperança, só poderá surgir e se manter através de uma outra violência. Haverá um momento em todas as vidas nos colocará nas encruzilhadas da decisão. A opção poderá ser questão de vida ou de morte. Escolher o caminho da não-violência poderá significar uma prontidão resoluta para dar a vida, tanto pelas próprias crenças e convicções, como pelas convicções e crenças dos outros. Isso exige violência.

Eis aí a violência do Evangelho: Violência contra si mesmo. "O Reino do céu está sujeito à violência e somente os violentos o arrebatam." (Mt 11,12). A verdadeira "oposição pacífica" deve começar com a oposição feita a nós mesmos; esta é a que produz "puros de coração" de que nos fala Cristo, os que serão privilegiados com a visão de Deus. Estes violentos, segundo o Evangelho, é que serão também os mansos, destinados a receber a terra como herança. Violência interior é sinônimo de humildade, pobreza, mansidão, pureza de coração, domínio do egoísmo. Este é o grande sonho que o cristão só pode sonhar em Deus.

Eis o noviciado de preparação para a ação pacífica contra a violência brutal do mundo de hoje. Tal preparação de purificação interior foi feita também por Gandhi e Luther King que, através desse tipo de noviciado, adquiriram de Deus a graça e o carisma de uma ação pacífica tremendamente eficaz.

A violência exercida por nós e contra nós é a mãe da coragem, vinda do Espírito Santo, mãe do amor decidido que nos levará a enfrentar todas e quaisquer brutalidades do mundo, em defesa dos interesses de Deus e de nossos irmãos, sem revidar golpe nenhum."

(Extraído do livro: "Evangelho sem restrições" de Catherine de Huech Doherty)

PARA RESPONDER

- Com suas palavras, explique o que a autora quis dizer ao abordar o tema: "Precisamos de cristãos violentos"? A que tipo de violência ela se refere?

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

"Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Oremos: Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.

NASCIDO DA VIRGEM MARIA

"Avançando por entre as penumbras das páginas evangélicas, vislumbramos um impressionante paralelismo entre a espiritualidade de Jesus e de sua mãe Maria.

Maria, no momento decisivo de sua vida, resolveu seu destino com a palavra **FAÇA-SE** (Lc 1, 38). Jesus, quando chegou "sua hora", resolveu o destino de sua vida e a salvação do mundo com a mesma palavra "**FAÇA-SE**" (Mc 14, 36). Essa palavra simboliza e sintetiza uma vasta espiritualidade que abarca a vida inteira com seus impulsos e compromissos, na linha dos **pobres de Deus**.

Quando Maria quer expressar sua identidade espiritual, sua "personalidade" diante de Deus e dos homens, usa aquelas palavras: sou uma escrava do Senhor. (Lc 1,38). Quando Jesus se propõe como uma imagem fotográfica, para ser copiado e imitado, usa as palavras: "manso e humilde" (Mt

11, 29). Segundo os exegetas, as duas expressões têm o mesmo conteúdo, mais uma vez dentro da espiritualidade dos **pobres de Deus**.

Maria afirma que o Senhor destronou os poderosos e elevou os humildes (Lc 1,52). Jesus diz que os soberbos serão abatidos e os humildes exaltados.

Desses e de outros paralelismos que se encontram nos evangelhos, poderíamos dizer que Maria teve uma influência extraordinária e determinante na vida e na espiritualidade de Jesus. Que muito da inspiração evangélica se deve a Maria, como fonte longínqua; que a mãe foi uma excelente pedagoga e que sua pedagogia consistiu não em muitas palavras, mas em viver com suma intensidade uma determinada espiritualidade, da qual seu Filho foi impregnado desde menino. E que, afinal, o Evangelho é, em geral, um eco remoto da vida de Maria."

(Extraído do livro "O silêncio de Maria" do Pe. Inácio Larrañaga)

Lembraí-vos

de São Bernardo de Claraval - Doutor da Igreja (1090 - 1153)

Lembraí-vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorando a vossa assistência e reclamando o vosso socorro, fosse por vós desamparado. Animado, eu, pois, com igual confiança, a vós, Virgem entre todas, singular, como a minha mãe recorro, de vós me valho; e, gemendo sob o peso de meus pecados, me prostro a vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que vos rogo. Amem.